

DIAGRAMAS DA PANDEMIA: PARA UMA TAXONOMIA DO PENSAMENTO EM CURSO

PANDEMIC DIAGRAMS: FOR A TAXONOMY OF ONGOING THINKING

Murilo Duarte Costa Corrêa*
Eduardo Reis de Mello**

Resumo

Este artigo propõe uma taxonomia da produção intelectual global sobre a pandemia de Sars-Cov-2 (Covid-19). A partir de uma abordagem quali-quantitativa, convergente com os métodos da análise de conteúdo e da análise de conjuntura, analisamos um *corpus* textual composto por 52 documentos sobre a pandemia, escritos por 33 intelectuais em atividade, com reconhecido impacto internacional, e originários das mais diversas áreas de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais. Essa análise avança a hipótese de que o evento pandêmico constitui um foco de atração do pensamento contemporâneo, de tal modo que uma taxonomia do *corpus* analisado colaboraria epistemologicamente para avaliar qualitativamente as direções em que o pensamento contemporâneo caminha no contexto da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Taxonomia; pensamento contemporâneo; pandemia de Covid-19.

Abstract

This paper proposes a taxonomy of articles and essays written by intellectuals in many parts of the world on the Sars-Cov-2 (Covid-19) pandemic. Based on a qualitative and quantitative approach, along with the methods of content analysis and conjunctural analysis, we analyzed a body of work composed of 52 documents on the pandemic, written by 33 active intellectuals, with recognized international authority and originating from the most diverse areas of knowledge of the Human and Social Sciences. This analysis advances the hypothesis that the pandemic event constitutes a focus of attraction for contemporary thinking. Therefore, we conclude that the taxonomy carried out has the potential to contribute epistemologically to qualitative assess about the directions in which the contemporary thinking moves in the context of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Taxonomy; contemporary thinking; Covid-19 pandemic.

Resúmen

Este artículo propone una taxonomía de la producción intelectual global sobre la pandemia Sars-Cov-2 (Covid-19). Con base en un enfoque cualitativo y cuantitativo, convergiendo con los

* Professor Adjunto de Teoria Política na UEPG. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas na mesma instituição, em que coordena o Laboratório de Pesquisa Interdisciplinar em Teoria Social / Teoria Política e Pós-estruturalismo (LABTESP/UEPG). Doutor (USP) e Mestre (UFSC) em Filosofia e Teoria Geral do Direito. Escreveu, entre outros, *Direito e ruptura* (Juruá, 2013) e *Filosofia Black Bloc* (Circuito/Hedra, 2020). Textos disponíveis em: <<https://uepg.academia.edu/MuriloCorrêa>>

** Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atua como agente da Polícia Federal e como professor convidado da UNISECAL. Pesquisador do Laboratório de Pesquisa Interdisciplinar em Teoria Social / Teoria Política e Pós-estruturalismo (LABTESP/UEPG). Faz divulgação científica na área de Ciências Humanas no canal Prato Feito: <<https://www.youtube.com/channel/UCMOETNj77bk2jSiIGwoYQ>>

métodos de análisis de contenido y análisis económico, analizamos un corpus textual compuesto por 52 documentos sobre la pandemia, redactados por 33 intelectuales activos, con reconocida repercusión internacional y provenientes de los más diferentes áreas de conocimiento de las Ciencias Humanas y Sociales. Este análisis plantea la hipótesis de que el evento pandémico constituye un foco de atracción para el pensamiento contemporáneo, de tal manera que una taxonomía del corpus analizado colaboraría epistemológicamente para dimensionar cualitativamente las direcciones en las que se mueve el pensamiento contemporáneo en el contexto pandémico.

Palabras clave: Taxonomía; pensamiento contemporáneo; Pandemia de Covid-19.

Introdução

Este artigo propõe a construção de uma taxonomia da produção intelectual global sobre a pandemia de Sars-Cov2 (Covid-19). Seu principal objetivo é fornecer a todas as pessoas interessadas no debate intelectual acerca do tema uma carta de navegação em meio à profusão textual que se seguiu à pandemia.

Para tanto, formamos um *corpus* composto por 52 (cinquenta e dois) documentos, entre textos, entrevistas e livros com caráter de intervenção sobre a pandemia, escritos por 33 (trinta e três) pensadores e pensadoras em atividade, com reconhecido impacto internacional, provenientes das mais diversas áreas de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais, e filiados a heterogêneas linhagens teóricas. Os textos foram selecionados, considerando-se a publicação dos documentos no período entre 26 de fevereiro de 2020 e 13 de julho de 2020.

Esse *corpus* documental foi submetido ao método de análise de conteúdo (CAMPOS, 2004), composto das seguintes fases: (a) uma fase de leituras flutuantes de diversos artigos de intervenção, textos, entrevistas etc., todos relacionados à pandemia, no referido período; (b) seleção de unidades de análise, ou de significados generalizantes, extraídos dos próprios documentos; (c) procedimentos de categorização, classificando os documentos a partir de categorias não-apriorísticas, na medida em que as categorias emergiam diretamente de tendências inscritas no material analisado; (d) codificação das categorias; (e) validação cruzada das leituras entre os autores deste trabalho, seguindo-se à redação conjunta das análises e classificações atribuídas ao material.

Essa metodologia de análise de conteúdo foi, então, complementada e integrada a uma análise da conjuntura em que os textos pertinentes ao *corpus* vieram a lume, uma vez que acreditamos que as condições materiais mínimas e o contexto de sua produção são determinantes para enquadrar as análises de conteúdo de forma adequada.

Da convergência analítica entre esses dois procedimentos de pesquisa – por um lado, a análise de conjuntura, desenvolvida nos itens 1 e 2, *infra*; por outro, a análise de conteúdo de um *corpus* documental significativo, desenvolvida nos itens 3, 3.1 e 3.2, *infra* –, este trabalho avança a hipótese de que o evento pandêmico constitui um foco de atração do pensamento contemporâneo.

Isso permite deduzir que os textos produzidos no contexto da pandemia podem ser úteis para estimar e tornar visíveis as principais linhas de composição do pensamento contemporâneo, favorecendo sua articulação compreensiva, que sumariamos em uma proposta taxonômica do pensamento contemporâneo, a qual tem por objeto um evento global que ainda está em aberto. Trata-se, portanto,

de oferecer uma cartografia de um pensamento que está “a caminho”, indicando suas principais direções.

As questões que propomos responder são: apesar da heterogeneidade radical que os múltiplos ensaios de pensadores e pensadoras contemporâneos testemunham, e a despeito da diversidade de seus pontos de partida e condicionantes conceituais: (a) quais as principais linhas de força, constitutivas do pensamento contemporâneo, que o debate teórico em torno da pandemia da Covid-19 mobiliza?; e (b) como poderíamos tornar visíveis as suas linhas de tendência? Para tanto, propomos cartografar essas linhas a partir de sua própria matéria textual em movimento, a fim de situar as “direções” em que o pensamento contemporâneo caminha no contexto pandêmico; ponto em que nos servimos de uma análise de caráter quali-quantitativa integrada à análise de conteúdo e à análise de conjuntura.

Assim, o item 1, “Tudo começou na Itália”, estabelece como marco zero do debate intelectual global sobre a pandemia de Sars-Cov2 o polêmico texto de Giorgio Agamben, *L'invenzione di un'epidemia* e, a partir da discussão para cuja instauração ele contribui, mapeia o contexto que serve como pano de fundo para o desenvolvimento de um debate mais amplo, global e excêntrico. O item 2, “Para entender a profusão textual”, dedica-se a analisar brevemente a conjuntura pandêmica de espectro mais global, descrevendo algumas das principais transformações materiais que foram desencadeadas na situação pandêmica.

O item 3, “Para uma taxonomia do pensamento em curso”, apresenta de forma minuciosa as premissas e o desenvolvimento da taxonomia que propomos. Subdivide-se nos itens 3.1, “Nível de realismo”, e 3.2, “Abordagens qualitativas”, que desenvolvem as categorias utilizadas e analisam pontualmente documentos mais significativos e exemplares que as sustentam. O item 3.3, “Diagramas da pandemia”, apresenta gráficos resultantes de uma análise quantitativa do *corpus* analisado, e analisa a preponderância, a distribuição e a acumulação das categorias utilizadas para identificar as principais linhas de tendência em que o pensamento contemporâneo se desdobra.

Tudo começou na Itália

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarava a existência de um surto de coronavírus na China como uma potencial ameaça à saúde global. Daquela data em diante, a opinião pública mundial descobriria paulatinamente que o governo de Xi Jinping censurou e perseguiu os médicos chineses que primeiro alertaram as autoridades sanitárias sobre o risco epidêmico do coronavírus.¹ Mais tarde, as ações de silenciamento do governo chinês se estenderiam também a jornalistas (HERNÁNDEZ, 2020).

O debate teórico em torno da epidemia de Sars-Cov-2 foi iniciado pela publicação de *L'invenzione di un'epidemia*, de Giorgio Agamben, em 26 de fevereiro de 2020. Com base em dados publicados pelo *Consiglio Nazionale delle Ricerche* (CNR) italiano, em 22 de fevereiro (MAGA, 2020), Agamben criticava a adoção frenética de medidas de exceção pelas autoridades italianas frente ao que, até o momento, era tratada pelo CNR como uma infecção controlada, similar a uma *influenza* comum e com baixa proporção de complicações fatais.

¹ Os casos de dois médicos chineses são exemplares a esse respeito. O primeiro deles, de Li Wenliang, médico de 34 anos de idade que, silenciado pelo governo chinês, contraiu o vírus e faleceu (SMITH & LIU, 2020). O segundo, de Ai Fen, médica do Hospital Geral de Wuhan que, em 10 de março de 2020, usou uma conta pública do *We Chat* para se comunicar com a revista *Ren Wu* (a *People* chinesa), foi perseguida pelo governo de Xi Jinping e, desde então, encontra-se desaparecida (RSF, 2020).

Nos quatorze dias que separam o 26 de fevereiro, em que Agamben publica seu polêmico texto, e o 11 de março, em que a OMS declara o coronavírus como uma pandemia, a Itália saltava tragicamente de 374 infectados e 12 mortos para quase 13.000 infectados e 827 mortos (G1, 2020a e 2020b). Isso levou o *Consiglio Nazionale delle Ricerche* (CNR) italiano a alterar completamente sua avaliação inicial, excluindo a nota assinada pelo virologista Giovanni Maga (2020) da *timeline* de informações sobre o coronavírus, disponível em seu site. Agamben, no entanto, não apenas se manteve leal às críticas que formulou desde o início como as desenvolveu em textos subsequentes.

Seu raciocínio passa pela preocupação com a abolição da proximidade (2020b), e diagnostica a decadência ético-política causada pela redução da vida humana à vida nua por mecanismos de exceção (2020c); qualifica a onipresença da peste como um rastro teológico ou escatológico em nossas sociedades (2020d), e decreta a impossibilidade de uma sociedade baseada no distanciamento social e nas tecnologias remotas (2020e); exprime preocupações com o colapso ético e político da sociedade italiana diante da doença (2020g), das exigências médico-sanitárias e do distanciamento como novo princípio de organização social (2020f); critica a normalização da exceção na Fase 2, em que a proibição de reuniões levaria à impraticabilidade da política (2020h) reforçada pelo advento de um Estado securitário (2020i e 2020j) que destitui liberdades públicas e individualiza responsabilidades sanitárias que, em verdade, caberiam aos governos.

Esse conjunto de questões não parece ter a pandemia como alvo, mas um conjunto de comportamentos e automatismos desencadeados por ela. Seu clímax está em dois textos mais recentes. Em *La medicina come religione*, Agamben (2020k) descreve o cruzamento do cristianismo, da ciência e do capitalismo para explicar a transformação da medicina em religião, convertida em prática cultural tornada permanente e onipresente. Já *Biosicurezza e politica* (2020l) exprime preocupações com o futuro da ação política sob o regime do distanciamento social em um contexto de hipervalorização da nudez das vidas e da conversão da medicina em religião².

Ao formular tais críticas, Agamben lança mão de um argumento pré-constituído à situação pandêmica. Em *Sulla fine del mondo*, de 18 de novembro de 2019, Agamben (2019) afirmava que a ciência assume o lugar da fé para se tornar a religião da modernidade, o que exigiria a formulação de uma escatologia no cruzamento adversarial entre a ciência e o capitalismo. Essa escatologia, inédita para a ciência, assumiria como tarefas profetizar e fazer crer no fim do mundo derivado da catástrofe ambiental.

A exemplo do que parece ocorrer com a pandemia, também aqui Agamben parece estar mais preocupado em analisar efeitos ético-políticos de uma hipótese filosófica destacada da realidade do que formular hipóteses sobre a realidade mesma. As últimas linhas de seu texto deixam claro que não se trata de se pronunciar sobre “a realidade do problema da poluição”, mas de não se deixar governar acriticamente pelas religiões da ciência ou do capital na análise de “escolhas e razões que não podem ser senão políticas” (Idem).

O argumento e o registro de análise de *Sulla fine del mondo*, de novembro de 2019, e de *La medicina come religione*, são, à toda prova, idênticos: questionam “o que temos feito de nós mesmos” em sentido ético-político em franca desconexão com a realidade empírica, da qual não poderiam nascer imperativos.

²Preocupação que, a nosso ver, as recentes manifestações globais deflagradas pelo assassinato de George Floyd pela polícia do Estado americano de Minnesota, cuidaram de tornar obsoleta em um cruzamento potente, inédito e transversal entre pautas antirracistas e estratégias antifascistas (CORRÊA, 2020). Ver, ainda, o excelente *survey* assinado por Kuyel e Firat (2020) sobre os desafios e experimentalismos das mobilizações coletivas no contexto da pandemia.

Se isso permite ressignificar as polêmicas afirmações de Agamben durante a pandemia como um conjunto de questões dirigidas à ação de Estados e indivíduos, e não ao próprio real, é porque Agamben parece defrontar-se contra o poder unicamente sob a forma de um dispositivo; isto é, “uma pura atividade de governo sem fundamento no ser” que precisa “produzir o seu sujeito” (AGAMBEN, 2009, p. 38), e cujo funcionamento se explica por uma disjunção prática e econômica entre ser e agir (AGAMBEN, 2011, p. 67-81).

Ao invés de retomar uma política em contato com a ontologia, Agamben procura dar a ver polemicamente o caráter “anárquico” da própria *oikonomia* que torna possível um governo providencial³ do mundo. Governo que, na pandemia em curso, terminaria por se revelar securitário e atravessado pelas tecnologias de controle e vigilância remotas.

L'invenzione di un'epidemia despertaria reações como a de Jean Luc-Nancy (2020a), que no dia seguinte publicava *Eccezione virale*, um texto de tom irônico e talvez excessivamente pessoal que insistia sobre a diferença entre gripes para as quais há vacinas eficazes e o advento do coronavírus. Segundo os dados disponíveis no final de fevereiro, lembra Nancy, o Coronavírus apresentava uma proporção de mortes trinta vezes maior do que as gripes comuns.

No dia seguinte, Roberto Esposito (2020) publicava *Curati a oltranza*, e sustentava que o advento do coronavírus seria a clara demonstração do paradigma que Nancy sempre resistiu em homologar – o paradigma biopolítico, das relações entre poder e vida. Ao mesmo tempo, Esposito distanciava-se da afirmação polêmica de Agamben, que sustentara que uma epidemia poderia tomar o lugar das narrativas e práticas estatais de controle e segurança, até então devotadas ao combate do terrorismo. Esposito, por sua vez, diagnosticava a cadeia dos eventos em curso, e a “caótica e grotesca sobreposição de prerrogativas estatais e regionais” na Itália, mais como o sintoma de uma decomposição dos poderes públicos do que do avanço do totalitarismo dos controles.

Para entender a profusão textual

A esse debate inicial, ocorrido nos últimos dias de fevereiro de 2020, seguiram-se dezenas de textos e entrevistas. Assistimos a uma acumulação de intervenções sem precedentes na história recente do debate público e intelectual sobre o mesmo evento. Elas formaram um verdadeiro *corpus* textual que procurava dar conta do acontecimento de uma epidemia que, menos de duas semanas depois do primeiro texto de Agamben, em 11 de março, alcançava o *status* de pandemia segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS).

A partir dessa data, as intervenções aceleram-se ainda mais. Medidas de *lockdown* espalham-se pelo mundo com a mesma velocidade com que os poderes públicos procuravam antecipar-se à dispersão do vírus por suas economias, acompanhando de perto os desdobramentos em Wuhan, na província chinesa de Hubei.

O movimento de autoisolamento *#stayathome* e as medidas de quarentena, adotados como o conteúdo das principais políticas por governos de todo o mundo, difundiu-se pelas redes sociais em impulsos autônomos e virais. O *lockdown* começava a impactar nas cadeias de suprimentos,

³ Em *O reino e a glória*, Agamben (2011, p. 79) esclarece esses liames a afirmar que “A fratura entre ser e práxis e o caráter anárquico da *oikonomia* divina constituem o lugar lógico em que se torna compreensível o nexos essencial que, em nossa cultura, une governo e anarquia. Não só algo comparável com um governo providencial do mundo é possível apenas porque a práxis não tem fundamento algum no ser, mas esse governo [...] é ele próprio intimamente anárquico. A anarquia é o que o governo deve pressupor e assumir para si como origem de que provém e, ao mesmo tempo, como a meta para a qual continua se encaminhando”.

concentradas na China, de que uma série de negócios e empresas globais dependiam (DUN & BRADSTREET, 2020). Além disso, o vírus ocasionava uma parada relativa na circulação de pessoas, bens e de moeda, canalizando boa parte das atividades de circulação para os meios digitais, acentuando um fenômeno global de hiperconexão e plataformização da existência.

Na medida em que o mundo, a vida e as relações já não podiam ser vividos porta afora, passávamos a ter de experimentá-lo porta adentro, em contato com uma nova ecologia política global paradoxalmente centrada nos lares e nos ambientes domésticos (COCCIA, 2020b). Esse fator passa a tornar visíveis, por contraste, as condições de precariedade habitacional e infraestrutural dos territórios periféricos e favelizados mundo afora, vistos agora como matrizes potencialmente contaminantes geradas pelo *apartheid* socioeconômico.

Ao mesmo tempo, o trabalho produtivo era exposto às condições radicalmente domésticas sob a forma do *home office* – progressivamente imposto a todos os trabalhadores não-precariados e com vínculos laborais formais. Essa nova territorialização do trabalho no espaço doméstico dava uma inédita e conflitiva visibilidade ao trabalho reprodutivo, tradicionalmente feminino, segundo as articulações da divisão sexual do trabalho (FEDERICI, 2020).

Esse movimento comum de interiorização, que procede das cidades para o interior das casas, gera um efeito em cascata que atinge a sociabilidade, as formas cotidianas de cuidado consigo e com os outros, o trabalho produtivo e reprodutivo, e as dinâmicas de circulação da informação, hipercanalizadas para plataformas digitais (BERGMAN & IYENGAR, 2020; BRAMSCOMBE, 2020).

Os discursos das ciências, especialmente as médicas e bioestatísticas, parecem ganhar uma nova centralidade em todos os *media*, e a profusão de hipóteses e de informações científicas, ao tomar contato com os circuitos técnicos e com as montagens algorítmicas das redes sociais, produzirá tanto informação e empoderamento quanto desinformação, proliferação de *fake news* e redistribuições do risco compartilhado.

Ao mesmo tempo, um redirecionamento paradoxal dos hábitos de consumo oscila entre a dispersão hiperlocal do imperativo sobrevivencialista dos pequenos negócios locais (o *buy local*) e a captura das pulsões consumeristas por plataformas digitais e infraestruturas logísticas de tendência monopolista (SRNICEK, 2018). Nas bolsas de valores, enquanto a maior parte das ações derretia nos mercados mundiais, assistíamos a uma recuperação vertiginosa dos preços das *Big Tech* como Google, Facebook, Amazon, Netflix, entre outras, após o *sell-off* das primeiras semanas, como reação às políticas globais de injeção de liquidez nos mercados (WIGGLESWORTH, 2020).

Os modelos de políticas públicas, entre eles os de saúde, educação e segurança, passam a sofrer uma aceleração sem precedentes em seus processos de digitalização, sendo adaptados a meios remotos e estratégias à distância sob a força de injunções de todos os tipos – vindas tanto dos mercados consumidores, quanto do contínuo assédio empresarial e governamental (KLEIN, 2020).

Em rápidos traços, esses são alguns dos vetores das transformações reais que a intrusão viral pode ter provocado, ou ajudado a acelerar, em nossas sociedades e em nossa cultura; algumas das forças que passam a deformar os nossos hábitos e a suscitar a reconfiguração da própria normalidade cotidiana.

Para uma taxonomia do pensamento em curso

Essas condições conjunturais disparam uma imensa trama de leituras possíveis em escala planetária. À epidemia global corresponde uma pandemia textual. Ao gerar uma pane relacional e de circulação global, a pandemia da Covid-19 desencadeou uma série de ensaios e tateios dos principais pensadores em atividade nas mais diversas direções.

Muitas dessas direções são prévias ao evento, e serão tensionadas pela sua urgência ou pelo seu realismo, sendo ressignificadas nos termos dele. Outras constituem linhas de força teóricas que buscarão arrastar o próprio evento, funcionando como uma grade de inteligibilidade pré-formada, de tal modo que o contexto pandêmico é enquadrado como um acontecimento que torna um traço específico, anteriormente presente no real, repentinamente urgente ou mais visível.

Diante disso, reivindicamos a hipótese de que o evento e o contexto pandêmico constituem focos de atração ao pensamento contemporâneo, de modo que seria possível estimar e tornar visíveis as suas principais linhas constitutivas, articulando-as sob a forma – forçosamente simplificadora e generalizante – de uma taxonomia do pensamento em curso.

Essa proposição taxonômica é, pois, uma cartografia a caminho. Isso se justifica, por um lado, porque o evento que lhe serve de fundo (a pandemia) segue em curso e está, portanto, sujeito a transformações ulteriores. Por outro lado, porque o pensamento que se desenvolve em torno da pandemia tampouco está dado definitivamente, mas varia tendencialmente com os destinos do evento.

Diante da abertura e da heterogeneidade que esses ensaios testemunham, a pergunta que gostaríamos de responder é: “quais as principais linhas de força, constitutivas do pensamento contemporâneo, que o debate teórico em torno da pandemia da Covid-19 mobiliza?”. E “como poderíamos representá-las sob a forma de diagramas que tornassem especialmente visíveis as suas linhas de tendência?”.

Para tanto, por meio da análise de conteúdo (CAMPOS, 2004), propomos cartografar essas linhas a partir de sua própria matéria textual, tomada aqui como sede material desses gestos teóricos que auxiliam a situar as “direções” em que o pensamento contemporâneo caminha no contexto pandêmico. Assim, a partir de leituras exploratórias e de caráter flutuante de diversos artigos de intervenção, textos, entrevistas etc., relacionados à pandemia, formalizamos uma amostra composta por 33 autores e autoras com projeção internacional e reconhecida inserção no debate público, provenientes de quatro continentes (Américas, Europa, África e Ásia), e com relativa diversidade de gênero, o que resultou na análise de 52 textos⁴ publicados entre 26 de fevereiro de 2020 e 13 de julho de 2020.

Dado que se trata de analisá-los em sua heterogeneidade própria, e a partir de suas premissas intrínsecas, a fim de construir uma taxonomia das linhas que os envolvem e ultrapassam, procedemos a uma seleção de unidades de análise, ou de significados generalizantes, a partir dos próprios documentos.

A partir da análise preliminar do *corpus*, propusemos nove categorias para analisar o desenvolvimento do debate intelectual contemporâneo acerca da pandemia do coronavírus. Essas categorias se subordinam a dois eixos. No primeiro (3.1, *infra*), os textos se distribuem conforme o nível de

⁴Os autores que compuseram a amostra analisada, com textos publicados entre 26 de fevereiro de 2020 e 13 de julho de 2020, foram: Giorgio Agamben, Bruce Albert, Alain Badiou, Franco Berardi, Judith Butler, Emanuelle Coccia, Deborah Danowski, Philippe Descola, Virginie Despentes, Divy Dwivedi e Mohan Shaj, Roberto Esposito, Silvia Federici, Byung-Chul Han, Yuk Hui, Frédéric Keck, Ailton Krenak, Bruno Latour, Maurizio Lazzarato, Brian Massumi, Achille Mbembe, Jean-Luc Nancy, Antonio Negri, Paul B. Preciado, Jacques Rancière, Fabián Ludueña Romandini, Laurent de Sutter, Eduardo Viveiros de Castro, Rob Wallace, Alex Liebman, Luis Fernando Chaves, Rodrick Wallace, e Slavoj Žižek.

realismo em que a pandemia é apreendida pelo teórico analisado. No segundo (3.2, *infra*), os textos foram distribuídos conforme os focos qualitativos e materiais que os textos analisados suscitam, revelando suas abordagens qualitativas predominantes.

Estabelecida a amostra, adotamos duas regras prévias para tornar possível a classificação:

(1) *Regra da neutralidade descritiva*: embora as classificações remetam a características qualitativas, elas devem ser interpretadas em sentido neutro ou descritivo. Os termos classificatórios não embutem juízos de valor sobre os textos analisados ao fazerem referência a características qualitativas da abordagem;

(2) *Regra da multiplicidade*: cada texto pode comportar a acumulação de mais de uma das dimensões descritas. As classificações apresentadas não são mutuamente exclusivas. É o acúmulo e a composição dessas diversas linhas em camadas conceituais e problemáticas que podem oferecer respostas às perguntas que fizemos acima sobre as direções que o pensamento contemporâneo toma no curso da pandemia.

Adotadas as regras acima, os autores deste artigo analisaram cada um dos textos isoladamente, a partir de uma leitura de caráter prospectivo, classificando os documentos a partir das categorias não-apriorísticas formuladas como unidades de análise.

Essa segunda análise, mais detida e pormenorizada que a fase de leituras flutuantes, resultou na inscrição das nove categorias elaboradas em tabelas individuais, atribuindo-se o valor “0” caso a característica estivesse ausente no texto analisado, e o valor “1”, caso estivesse presente.

Posteriormente, as tabelas elaboradas individualmente pelos autores deste artigo, com os respectivos resultados, foram comparadas, discutidas e ajustadas em consenso, a partir de um procedimento de validação cruzada, a fim de gerar, *a posteriori*, a classificação dos textos e autores da amostra nas categorias propostas, bem como os diagramas presente no item 3.3, *infra*. Elas serão apresentadas a seguir já com a leitura de consenso entre os autores deste artigo, mas discriminadas de acordo com o nível de realismo (3.1) e com as abordagens qualitativas (3.2), a fim de facilitar a visualização e o escrutínio das informações.

Nível de realismo

No eixo “Nível de realismo”, as relações entre o vírus e sua capacidade de afetar o real podem ser segmentadas em quatro categorias predominantes: (1) “Distopias pandêmicas”, (2) “Realismos desencantados”, (3) “Realismos dos possíveis” e (4) “Utopias virais”. Essas categorias estão distribuídas ao longo de um mesmo eixo em função de um mínimo de otimismo (distopias pandêmicas) até um máximo de otimismo (utopias virais) quanto à realidade pandêmica, mediadas por posições realistas mais pessimistas (desencantadas) ou otimistas (dos possíveis). Os resultados obtidos com a análise do *corpus* textual estão relacionados na tabela abaixo (Tabela 1):

Tabela 1 – Ocorrências por autor. Nível de realismo. Elaboração própria.

ID AUTOR	N TXT	DISTOPIAS PANDÊMICAS	REALISMO DESENCANTADO	REALISMO DOS POSSÍVEIS	UTOPIAS VIRAIS
AGAMBEN	12	1	1	0	0
HAN	1	1	1	0	0
WALLACE, LIEBMAN, CHAVES e WALLACE	1	0	1	0	0
MASSUMI	1	0	1	1	0
ALBERT	2	0	1	0	0
DESPENTES	1	0	1	0	0
BADIOU	1	0	1	0	0
ESPOSITO	1	0	1	0	0
NEGRI	1	0	1	1	0
RANCIÈRE	1	0	1	0	0
HUI	1	0	0	1	0
ROMANDINI	1	0	1	0	0
KECK	1	0	1	0	0
BERARDI	5	0	0	1	0
BUTLER	2	0	1	0	0
LAZZARATO	1	0	1	0	0
COCCIA	2	0	0	1	0
DANOWSKI	1	0	1	0	0
DESCOLA	1	0	1	0	0
LATOUR	3	0	1	0	0
SUTTER	2	0	0	1	0
PRECIADO	1	1	0	1	0
VIVEIROS DE CASTRO	1	1	1	0	0
DIWEDI & MOHAN	1	0	1	0	0
FEDERICI	1	0	1	0	0
KRENAK	1	0	1	0	0
MBEMBE	2	1	1	0	0
NANCY	2	0	1	0	1
ZIZEK	1	0	0	0	1
TOTAIS	52	5	23	7	2

A categoria “Distopias pandêmicas” (1) se caracteriza pelo fato de os textos alertarem para a possibilidade de que o evento pandêmico possa ser o fator desencadeador de uma escalada e de um aprofundamento de poderes e controles tecno-bio-fármaco-porno-psicopolíticos (PRECIADO, 2020). Por essa razão, é esperado que as distopias pandêmicas interceptem as “Preocupações tecnopolíticas” no eixo das abordagens qualitativas (3.2, *infra*), embora seja possível que preocupações dessa natureza se distribuam, também, por realismos desencantados (2) e dos possíveis (3).

Os textos desta categoria consideram desde as preocupações com a intensificação do estado de exceção e a implementação de um controle tecnopolítico total (AGAMBEN, 2020a a 2020l; HAN,

2020), até as visões que denunciam a catástrofe ambiental pela qual passaríamos com ou sem o advento do coronavírus (VIVEIROS DE CASTRO, 2020; DANOWSKI, 2020). Há, ainda, textos como dos de Achille Mbembe (2020a e b), que alertam para a impossibilidade de nos mantermos em nossos “bunkers digitais”. Seus textos levam às últimas consequências as questões bio/necropolíticas através das quais se impõe o desafio (com pouca probabilidade de sucesso) de que nos reconectemos com o vivente, na medida em que a modernidade é caracterizada como uma guerra permanente contra o vivo. Desdobrando os sentidos da biopolítica foucaultiana, Preciado (2020) destaca o controle farmacoponográfico da sociedade contemporânea, entendendo que nossos dispositivos portáteis tornaram-se carcereiros na “prisão branda e ultraconectada do futuro”.

Já os “Realismos desencantados” (2) configuram-se como posturas que exprimem uma relação estável do vírus com a realidade, tendo o seu desvelamento, o seu esclarecimento ou a sua denúncia política como limite da reflexão. Todavia, essa atitude crítica não chega a oferecer ao leitor linhas de saída do impasse em que a relação entre o vírus e o real parece nos colocar.

Essa foi a categoria que obteve o maior número de ocorrências entre as que foram analisadas no *corpus* textual. Se poucos autores (cinco, ao todo), viram na pandemia um acontecimento distópico, muitos buscaram uma postura em que se reconhecia o momento disruptivo, mas tenderam a analisá-lo dentro dos marcos de um realismo que já não espera grandes mudanças na estrutura do modelo capitalista, embora sustentem que essas mudanças sejam necessárias.

Enquadram-se aí autores como Maurizio Lazzarato (2020), que denuncia a farsa do *lockdown* enquanto indústrias e grande parte do setor de serviços permaneceram ativos durante todo o tempo. Se o *welfare state* já estava corroído pela financeirização do mundo, o capital financeirizado sobrepuja-se, hoje, inclusive à biopolítica, dependente da lógica etérea dos fluxos globais.

Danowski (2020) e Descola (2020) percebem o negacionismo que funciona como um obstáculo epistemológico à aceitação de nossa precária realidade ambiental. Se, por um lado, já conhecemos as atitudes que poderiam interromper a marcha global na direção da catástrofe, ainda assim continuamos a rumar para a autodestruição planetária. Aqui, novamente, o desastre ecológico figura como um problema maior, embora mais silencioso, do que a própria pandemia.

Os “Realismos dos possíveis” (3) diferem dos realismos desencantados ao tentarem fraturar a atualidade e o dado com a intromissão de componentes da ordem do possível, do câmbio social, político, econômico, ou das formas de existência. Nesse caso, o real se torna função do seu vir a ser, das transformações que podem ser operadas nele, e já não é mais visto como um limite ao pensamento, e sim como a matéria de uma repentina tomada de consciência ou o convite a uma práxis coletiva.

Um dos escritores que demonstra exemplarmente essa tendência é Franco Berardi (2020a, b, c, d, e), que enxerga uma “psicodeflação” imposta ao *frenesi* neoliberal, através da introdução de um vírus semiótico com o potencial de implodir o capitalismo atual. A estagnação econômica coloca-nos frente a um novo ponto de partida, ainda que imprevisível em seus desdobramentos. A imprevisibilidade coloca em xeque nossos automatismos, dando espaço a um sistema de expectativas radicalmente diferentes. A volta à normalidade capitalista aceleraria nossa extinção. Dessa forma, o dinheiro é impotente ante à catástrofe, e é apenas a solidariedade social e o conhecimento científico que, juntos, poderiam instaurar o “possível” ao invés da provável escalada do neoliberalismo.

Por fim, as “Utopias virais” (4) se caracterizam como o mais alto grau de pensamento utópico porque tendem a considerar que o evento pandêmico introduz uma transformação tão efetiva e

profunda em nossas sociedades que seria impossível permanecer o mesmo, ou retornar a ele. Talvez o exemplo mais claro seja um conjunto de textos presentes no recente livro de Slavoj Žižek (2020), que atribui efeitos políticos necessários ao advento da pandemia. Aqui, parecemos tocar o limiar do *wishful thinking*, caracterizado por um pensamento mais comprometido com um genuíno desejo de transformação do que com os limites materialistas que o condicionam.

Para Žižek (2020), o advento do coronavírus deve nos auxiliar a reinventar um tipo contemporâneo de comunismo, com base na confiança intersubjetiva e na ciência. Os muros e as quarentenas, ao se revelarem insuficientes para a resolução do problema, podem impor uma solidariedade de novo tipo, sobrepondo-se aos vírus ideológicos que têm consumido nosso debate político. A pandemia determina que a soberania dos Estados-nação sejam limitadas, como em tempos de guerra. Aqui, não se trata da instauração do “possível”, mas do “impossível” do comunismo, que se materializaria através da distribuição para além das coordenadas de mercado e do imediatamente dado.

Abordagens qualitativas

No eixo “Abordagens qualitativas”, descrevemos cinco focos materiais, argumentos teóricos ou grades de inteligibilidade de que os textos se compõem, e que podem encaixados em cinco categorias que não cessam de se cruzar, de se sobrepor e de se acumular, dando origem à regra da multiplicidade (*supra*). Os resultados obtidos com a análise do *corpus* textual estão relacionados na tabela abaixo (Tabela 2):

Tabela 2 – Ocorrências por autor. Abordagens qualitativas. Elaboração própria.

ID AUTOR	N TXT	GERENCIALISMOS	PÓS-IDENTITARISMOS	TECNOPOLÍTICAS	ECOPOLÍTICAS	ANTICAPITALISMOS
AGAMBEN	12	1	0	1	0	1
HAN	1	1	0	1	0	1
WALLACE, LIEBMAN, CHAVES e WALLACE	1	1	0	1	1	1
MASSUMI	1	0	1	0	1	1
ALBERT	2	1	1	0	0	0
DESPENTES	1	0	1	0	0	0
BADIOU	1	1	0	0	0	1
ESPOSITO	1	1	0	0	0	0
NEGRI	1	1	1	1	1	1
RANCIÈRE	1	1	0	1	0	1
HUI	1	1	0	1	1	1
ROMANDINI	1	0	0	1	1	0
KECK	1	1	0	0	1	0
BERARDI	5	0	0	1	1	1
BUTLER	2	0	1	0	1	1
LAZZARATO	1	1	0	1	0	1
COCCIA	2	0	0	0	1	0
DANOWSKI	1	0	0	0	1	0
DESCOLA	1	0	0	0	1	1

continua

conclusão

ID AUTOR	N TXT	GERENCIALISMOS	PÓS-IDENTITARISMOS	TECNOPOLÍTICAS	ECOPOLÍTICAS	ANTICAPITALISMOS
LATOUR	3	0	0	0	1	1
SUTTER	2	0	0	0	1	1
PRECIADO	1	0	1	1	0	0
VIVEIROS DE CASTRO	1	0	1	0	1	0
DIWEDI & MOHAN	1	0	1	0	1	0
FEDERICI	1	0	1	0	1	1
KRENAK	1	0	1	0	1	0
MBEMBE	2	0	1	1	1	0
NANCY	2	1	0	0	0	1
ZIZEK	1	0	0	0	0	1
TOTAIS	52	12	11	11	18	17

Os “gerencialismos” (1) consistem em argumentos cujo foco principal de preocupações é a gestão do acontecimento pandêmico; trata-se de textos que tendem a se concentrar na faixa dos realismos, na medida em que endereçam problemas ligados à gestão da pandemia – tenham eles origem estrutural ou circunstancial. Geralmente, limitam-se a testemunhar a descrença de que o vírus enseje uma efetiva possibilidade de transformação (BADIOU, 2020; RANCIÈRE, 2020), a apontar a corrosão dos poderes públicos (ESPOSITO, 2020) ou a necessidade de repisar estratégias políticas que já se encontravam em curso pré-pandemia (NEGRI, 2020). Quando muito, tateiam uma possível abertura à experiência comunitária na condição paradoxal do autoisolamento (NANCY, 2020b).

As “Derivas pós-identitárias” (2) designam textos que procedem das teorias feminista, *queer*, de- ou pós-colonial e de raça, ou de matriz territorial, como focos problemáticos para articular problemas sistêmicos ou mais universais, como o devir-negro do mundo (MBEMBE, 2020), o capitalismo como pano de fundo às tarefas da reprodução sexual (FEDERICI, 2020), a civilização como epítome da barbárie ecocida (KRENAK, 2020), a pandemia como realização plena do fato de que todos nos tornamos índios (ALBERT, 2020a e 2020b), ou de que a questão que ultrapassa a questão do governo da vida é a incomensurabilidade e a preciosidade das vidas (DWIVEDI e MOHAN, 2020).

Trata-se de textos marcados por um jogo entre identidades ou realidades individuais, sociais, posicionais ou territoriais, que tendem a derruir qualquer autorreferência de gênero, raça, ou de matriz estritamente territorial e cultural, para endereçarem-se ao ecúmeno e aos possíveis da transformação política que são operáveis a partir de um ponto de vista específico e monádico. Mostram, nesse sentido, uma abertura potencial para alianças transversais entre si e com os demais eixos qualitativos.

As “Preocupações tecnopolíticas” (3) reúnem os argumentos ocupados em descrever a possível escalada da dominação tecno-bio-fármaco-porno-psicopolítica da espécie humana, que pode advir do cruzamento entre biossegurança, capitalismo de plataforma e tecnologias digitais em um contexto pandêmico. Geralmente, revelam pontos de vista politicamente pessimistas, antecipam a formação de totalitarismos na intersecção entre Estados e empresas privadas de *Big Data*, e oferecem antevisões de modelos de governamentalidade e de poder algorítmicos. Seus melhores representantes talvez sejam os textos de Agamben (2020a a 2020l), brevemente analisados na parte 1, e de Byung-Chul Han (2020).

O filósofo sul-coreano, radicado na Alemanha, chega a enxergar na mentalidade autoritária dos países asiáticos, e em um uso extensivo de análises de *Big Data*, as condições “ideais”, embora politicamente perigosas, de um controle intensivo e minucioso da vida privada dos cidadãos. Aí estariam os fatores que poderiam explicar por que a Ásia obteve sucesso em achatar a curva de infecção, enquanto os países europeus fechavam fronteiras e se tornavam, na segunda metade de março de 2020, o epicentro do coronavírus.

Na visão de Han, tratava-se do velho soberanismo individualista europeu contra o autoritarismo digital asiático, coletivista e vigilante. Nessa tensão, suas preocupações com a soberania como novo poder sobre os dados cruzam-se com uma componente étnico-cultural das diferenças euroasiáticas na gestão da crise sanitária. Contra a revolução viral de Žižek (2020), Han afirma que o vírus não apenas não vencerá o capitalismo, como a China poderá vender seu Estado policial digital aos países europeus como exemplo de superioridade sistêmica.

Por sua vez, embora as descrições de Preciado (2020) pareçam remeter a certo pessimismo, a definição dos corpos como territórios imanentes em que a luta entre o biocontrole e a biovigilância via satélite se desenrolam contra os possíveis de sua retomada coletiva parece convocar suas preocupações tecnopolíticas a um irreduzível realismo dos possíveis.

Nas “Ecopolíticas” (4), o foco dos textos é o meio ecológico em relação com o vírus. Mas essa relação entre o vírus, o meio e a ecologia apresenta-se de muitas formas: pela percepção de que estamos globalmente vinculados por relações de mutualismo multiespécie (MASSUMI, 2020), contra as afirmações supremacistas de Donald Trump – que insistia em chamar o Coronavírus de “o vírus chinês”; pelo questionamento dos limites entre o natural e o cultural, o vivo e o não-vivo; pelo recrudescimento das cidades em lares, os quais se tornam pontos de apoio para uma radicalização do pensamento ecológico, que demanda a recriação dos espaços comuns a partir dos lares (COCCIA, 2020b); na medida em que a difusão dos vírus revela a dependência do capital em relação à natureza, e de que maneira são montados imensos ecossistemas logísticos em cujos circuitos o vírus circula (SUTTER, 2020a e 2020b); e, por fim, o vírus é caracterizado como um efeito de interrupção na marcha planetária da degradação ambiental causada pelo antropoceno⁵, ao mesmo tempo em que exige que imaginemos gestos que impeçam o retorno do modo de produção pré-crise (LATOUR, 2020a e b) etc.

Por fim, “Anticapitalismos” (5) designa um conjunto de argumentos que se ocupam em elucidar os circuitos capitalistas que a difusão e a circulação do vírus revela. Neles, o vírus funciona como uma espécie de luminol, de reagente que torna as dinâmicas dessas infraestruturas finalmente visíveis sob uma perspectiva descritiva e crítica (WALLACE et al., 2020). Outros textos caracterizam o vírus como uma “angústia sem justificção moral” ao lado da qual se oferece “uma visão refratada de uma potente e interconectada solidariedade global” (BUTLER, 2020). Ou seja, o vírus aparece como o limiar entre um capitalismo que precisa morrer e uma forma de vida globalmente *outra* que ainda não nasceu.

Outras intervenções propõem o advento do vírus como o precursor de uma crise sanitária em que a biopolítica aparece inteiramente subordinada ao capital sob a forma de uma nova luta de classes cuja programação que o vírus reinicia (LAZZARATO, 2020). Franco Berardi (2020a, b, d, c, e), por sua vez, consegue conectar as preocupações tecnopolíticas a dimensões menos asfíxias, ou totalitárias, estimando os perigos e as chances da situação pandêmica, e integrando uma análise tecnopolítica a

⁵ Antropoceno, termo cunhado em 1995 pelo químico Paul Crutzen, designa a era geológica em que as transformações ambientais passam a decorrer predominantemente da interferência dos modos de produção humanos em escala global. Sobre isso, cf. os textos pré-pandemia de Danowski e Viveiros de Castro (2014) e Stengers (2015).

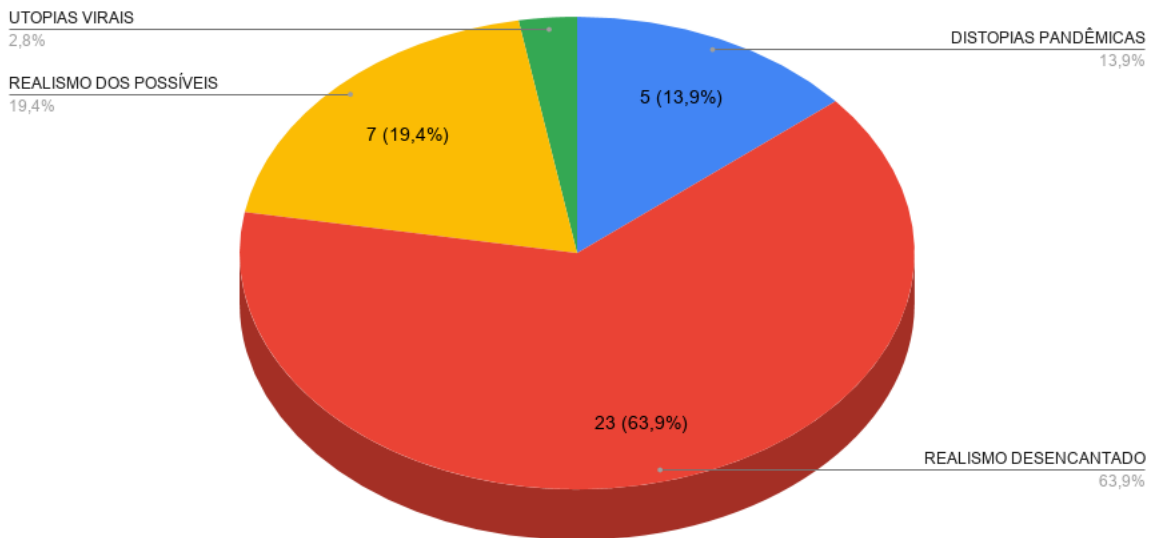
linhas de fuga ecológicas e anticapitalistas. Um exemplar igualmente interessante de que os acenos teóricos que hiperrepresentam a reconfiguração de poderes totais à *la Black Mirror* no contexto pandêmico exigem ser adequadamente posicionados em uma dinâmica material e concreta das forças.

Por fim, uma leitura isolada no *corpus*, a de Slavoj Žižek (2020), propõe o advento do comunismo como um efeito quase automático do vírus, que decorreria a corrosão e a falência dos valores individualistas em curso sob a chave de uma reabilitação da teleologia histórica.

Diagramas da pandemia

Em termos gráficos, os diagramas do pensamento em curso poderiam ser representados aproximadamente como segue. Em primeiro plano, observando a distribuição das ocorrências no nível de realismo:

Gráfico 1 – Distribuição de ocorrências. 3.1 Nível de realismo. Elaboração própria.

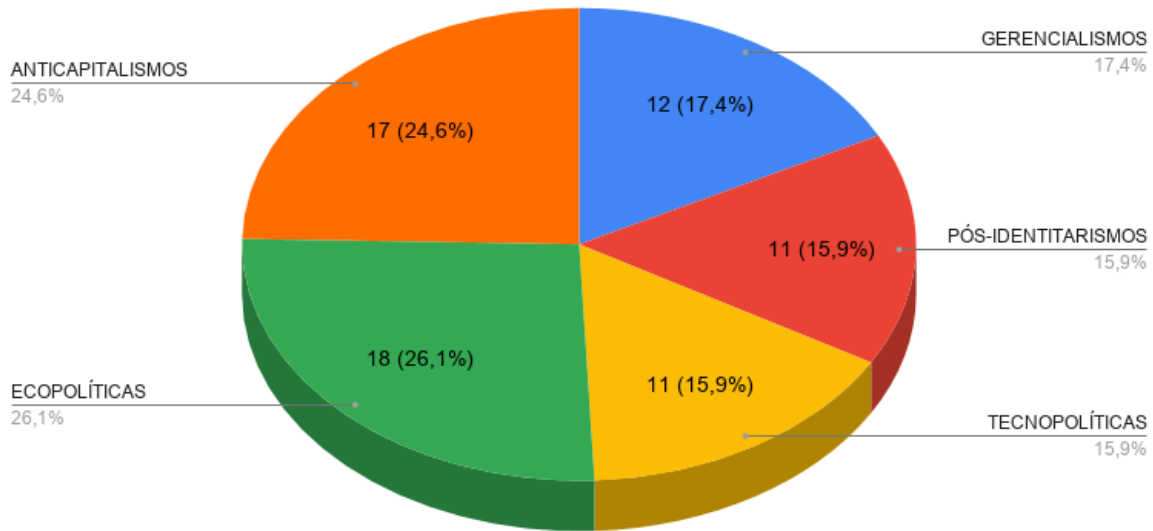


O gráfico 1 denota um extenso predomínio dos realismos, desencantados ou dos possíveis, como principais modos de representar intelectualmente as relações do vírus com a realidade, com extensa preponderância dos realismos desencantados (63,9% das ocorrências). Embora a dimensão dos possíveis tenha ocorrido em 19,4% dos textos analisados, a tonalidade negativa e crítica do pensamento contemporâneo parece predominar quando cotejamos o peso relativo dos realismos desencantados ao das distopias pandêmicas (13,9% das ocorrências).

Isso revela não apenas uma preocupação preponderante com o realismo, mas com os processos de poder e dominação que podem ser desencadeados no contexto pandêmico e em sua posteridade. Isso parece indicar uma hipertrofia da função crítica, seja ela desencantada ou distópica, no pensamento contemporâneo, ao lado de uma crença de baixa intensidade nos possíveis (19,4%) ou em transformações mais extensas (2,8%).

Em segundo plano, de acordo com a distribuição das ocorrências em função das abordagens qualitativas:

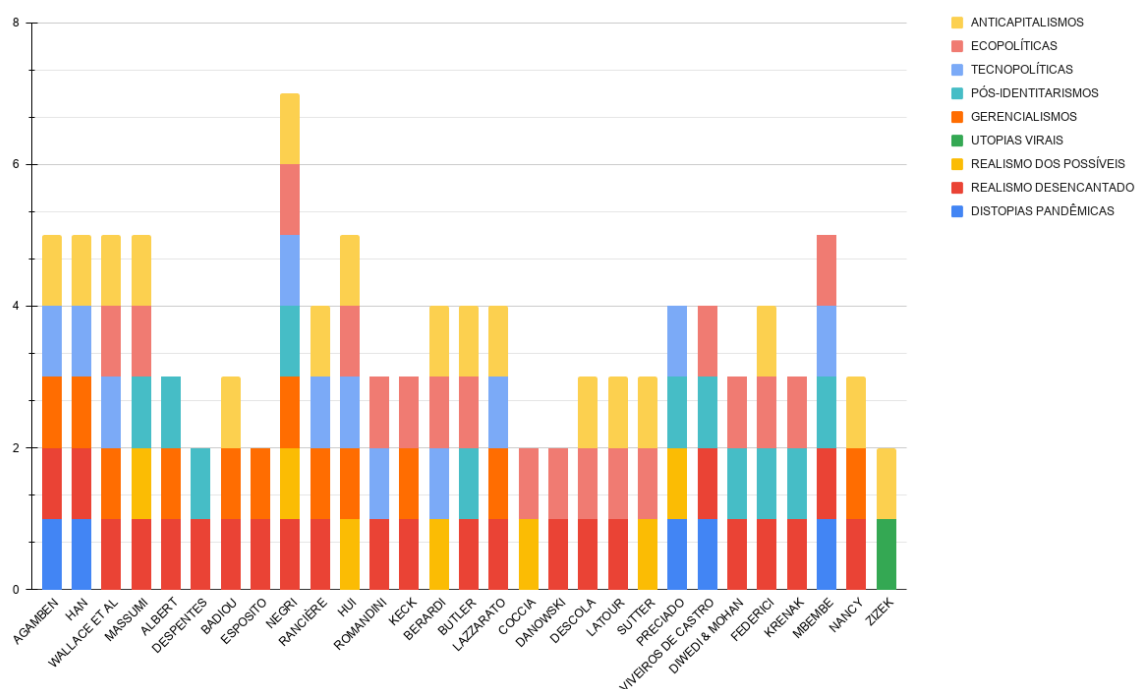
Gráfico 2 – Distribuição de ocorrências. 3.2 Abordagens qualitativas. Elaboração própria.



O Gráfico 2 denota uma concentração das preocupações políticas ao redor do tema das ecopolíticas (26,1% das ocorrências) e da postura anticapitalista (24,6%). As inquietações sobre os rumos da gestão da situação pandêmica (17,4%), sobre o avanço dos poderes tecnopolíticos (15,9%), e outras, cujo ponto de partida seriam premissas pós-identitárias (15,9%), tais como descritas no item 3.2, *supra*, também são significativas, mas parecem conectar-se, em larga medida, com uma, ou mais de uma, das posturas majoritárias descritas (ecopolíticas e anticapitalistas).

A distribuição das abordagens qualitativas por acumulação ou sobreposição de dimensões nos textos analisados é consistente com o predomínio dos realismos e das funções críticas negativas, em que as posturas anticapitalistas e as proposições ecopolíticas apresentam-se, na maior parte das vezes, como gestos sinalizadores do colapso global em curso (ambiental, econômico, social, humano etc.). Encerrados em uma postura no mais das vezes crítica e negativa, parecem ter mais facilidade para indicar os traços de realidade prévios que a situação pandêmica “revela”, “deixa ver”, torna “visíveis”, “impossíveis de ignorar”, “urgentes” e “intoleráveis”, do que são capazes de apontar possíveis linhas de ruptura internas à situação presente – tendência preponderante nos realismos dos possíveis.

Por fim, a partir de um gráfico de barras empilhadas, de acordo com a ocorrência e a sobreposição de cada um desses critérios por autor analisado, é possível visualizar como se acumulam as diversas dimensões no *corpus* analisado:

Gráfico 3 – Categorias por autor. Gráfico de empilhamento. Elaboração própria.

O gráfico 3 permite visualizar, autor por autor, a preponderância, a distribuição e a acumulação das categorias utilizadas para identificar as principais linhagens em que o pensamento se desdobra. Além da preponderância dos realismos desencantados, das preocupações ecológicas e das atitudes anticapitalistas, é possível perceber como, muitas vezes, esses “pontos de chegada” comuns ao pensamento contemporâneo podem ter pontos de partida heterogêneos.

Bastaria comparar, por exemplo, Wallace et al. (2020), Federici (2020), Butler (2020), Mbembe (2020a e 2020b) ou Hui (2020), por exemplo, para deduzir que premissas aparentemente muito dissociadas, como as redes logísticas do agronegócio, o trabalho feminino reprodutivo, a distribuição desigual das precariedades e da enlutabilidade das vidas, as lutas raciais contra a necropolítica, a aceleração das transformações digitais e a possibilidade de novas formas de pensamento e solidariedade, conectam-se transversalmente com preocupações de mesmo tipo – ecológicas, anticapitalistas etc.

Isso permite perceber que a situação pandêmica desencadeia uma espécie de relação transversal e situada entre pensadores e pensadoras com premissas conceituais e trabalhos intelectuais em princípio muito heterogêneos. Com efeito, há um desafio em pensar a realidade por segmentos precisos; mas o pensamento contemporâneo parece encaminhar-se e, ao mesmo tempo, exigir a formação de alianças transversais em que todas essas linhas de força se acumulam e interpelam umas às outras, incidindo em uma mesma situação concreta.

Trata-se de uma síntese sem totalização possível, na medida em que tratamos de um *corpus* textual que ainda está se produzindo, mesmo porque o evento a que ele diz respeito permanece em aberto e em devir. Ainda, porque as categorias de uma taxonomia são forçosamente generalizantes e simplificadoras – embora mantenham sua utilidade diagramática e didática ao servir como um mapa, a permitir navegações no interior de um dado *corpus*.

Se nos for lícito deduzir as linhas de força do pensamento contemporâneo desse *corpus*, arriscaríamos dizer que as forças de suas linhas encontram-se menos em seus pontos de origem do que em sua capacidade de convergência e deriva conjunta; isto é, em sua potência para formalizar alianças transversais que excedem e ultrapassam seus pontos de partida.

É assim que as múltiplas camadas conceituais e problemáticas, presentes em cada um dos autores dos textos desse *corpus*, podem interceptar-se, acumular-se, convergir, formando sínteses parciais sem totalização. É precisamente a impossibilidade de totalização, própria a um acontecimento de caráter global como a pandemia da Covid-19, que determina que todo pensamento produzido em seu entorno seja parcial, sintético, cumulativo e aberto.

O desafio ao mesmo tempo conceitual e político que ele inspira é o de extrair dessas conexões transversais entre problemas e conceitos elementos que não se esgotem na função crítica e negativa, mas promovam avanços transformativos e positivos, sem recorrer ao *wishful thinking* ou a automatismos ontológico-sociais. Esse é o desafio que consiste em tornar matéria do próprio pensamento sobre a atualidade a constituição de relações transversais entre pontos de partida supostamente heterogêneos. Trata-se de um desafio que, a nosso ver – e a julgar pelo *corpus* analisado –, também tem sido desenvolvido como uma linha de articulação discreta entre as múltiplas camadas de preocupação dos intelectuais contemporâneos.

Considerações finais

A pandemia de Sars-Cov-2 foi percebida por muitos intelectuais como um acontecimento digno de formulação textual imediata. A profusão de artigos e livros escritos ainda no decorrer das fases iniciais do evento pandêmico aponta não apenas para a importância do acontecimento, mas torna visíveis as linhas e os pontos de irradiação e convergência que guiam parte significativa da produção teórica contemporânea.

Neste artigo, ao invés de inventariar o pensamento sobre a pandemia, tarefa relativamente estéril dado o *frenesi* textual ocasionado pelo coronavírus, optamos por traçar suas linhas gerais e oferecer uma contribuição antes epistemológica do que propriamente analítica da produção intelectual a caminho sobre uma crise global que ainda não dá sinais de terminar.

Se o acontecimento colocava o mundo em suspensão, demandando esforços na construção de quadros e marcos conceituais, pode-se dizer que muitos dos textos analisados estenderam à pandemia uma série de categorias criadas para outros fins e que, neste contexto, obtiveram maior ou menor sucesso analítico. Entretanto, muitos cruzamentos e tensionamentos novos tiveram lugar, seja para encontrar os limites de alguns modelos de análise, seja para promover composições que devem ajudar a compreender o mundo durante a pandemia, bem como sua posteridade.

Ainda que qualquer taxonomia seja naturalmente generalizante e redutora, também é verdade que as classificações cruzadas possuem o mérito de favorecer visões panorâmicas que acabam indicando as linhas de força do evento e das formas intelectivas que visam a torná-lo pensável. Desde o pessimismo apocalíptico até o utopismo criativo, o centro gravitacional do *corpus* analisado orbitou em torno das pautas ecológicas e anticapitalistas. Entre aqueles que viam o fim do capitalismo e os que se lamentaram pela sua indestrutibilidade, preponderaram as visões intermediárias, majoritariamente desencantadas, mas com brechas para uma nova conformação da economia ecológica global.

Se as distopias delimitavam a fronteira pessimista, por outro lado, o “comum”, em seus diversos aspectos e tipos de aparição, pareceu ser a saída mais desejável. Entre os realismos desencantados e os realismos dos possíveis, as fronteiras muitas vezes se tornaram borradas e pouco visíveis. Juntas, estas duas categorias representaram aproximadamente 84% das disposições produtivas desses autores, o que nos leva a colocar as utopias e distopias em uma posição de relativa excentricidade. Embora a marginalidade das posições polêmicas não chegue a espantar, é preciso dizer que em uma composição heterogênea, como a de nosso objeto, muitas vezes são as margens que mobilizam os afetos (e pensamentos, portanto) que pautam as disputas no centro do debate.

Chamou a atenção que grande parte dos autores viram o acontecimento da pandemia no âmbito de crises maiores, nas quais ela figurava como uma consequência ou como um sintoma. Com isso, eles apontavam para algo mais profundo, e de mais difícil solução. Na prática médica, sintomas e sinais possibilitam bons diagnósticos. A depender dos autores analisados, o coronavírus implica uma categoria diagnóstica que poderia resumir as preocupações das diversas pautas: a da (in)sustentabilidade.

Um acontecimento mortífero, silencioso e inevitável alerta para um mundo em vias de perder a sua sustentação. Sinal disso é que as pautas anticapitalistas e ecológicas tomaram mais da metade do eixo das abordagens qualitativas; muitas vezes, as duas características estiveram entrelaçadas, e frequentemente conectaram-se às categorias centrais dos textos analisados. Das 11 ocorrências de temáticas pós-identitárias, 8 textos trataram, simultaneamente, ou do anticapitalismo, ou das ecológicas. O gerencialismo, de suas 12 ocorrências, apenas em duas ocasiões ignorou o tema. A tecnopolítica foi tratada separadamente das discussões anticapitalistas e ecológicas apenas uma vez.

Assim, embora se pudesse intuir que uma pandemia despertaria preocupações imediatas no nível da gestão biopolítica das populações, o entrelaçamento das pautas do anticapitalismo e da ecológica foram as que tiveram maior espaço no *corpus* analisado. Este cruzamento, associado à postura predominantemente realista, dá o tom do debate que tivemos até agora.

Ainda que estejamos cientes das limitações metodológicas e conceituais a que expusemos nossa análise, não se pode ignorar o fato de que na insurgência de uma crise sanitária, as maiores preocupações de teóricos de grande influência e de variadas origens epistêmicas, gravitaram em torno de nosso atual modelo econômico e suas relações com a insustentabilidade do humano e do capital. No mundo e no meio vital que se desenham, tudo indica que precisaremos aprender a conviver com os atores inumanos: sejam eles o coronavírus, ou os algoritmos monopolizados pelas *Big Techs*.

Referências

A. Textos de referência no contexto da pandemia

AGAMBEN, Giorgio. L'invenzione di un'epidemia. **Quodlibet**. 26 de fevereiro de 2020a. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Contagio. **Quodlibet**. 11 de março de 2020b. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-contagio>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Chiarimenti. **Quodlibet**. 17 de março de 2020c. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Riflessioni sulla peste. **Quodlibet**. 27 de março de 2020d. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-riflessioni-sulla-pesto>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Distanziamento sociale. **Quodlibet**. 6 de abril de 2020e. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-distanziamento-sociale>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. David Cayley. Questions about the current pandemic from the point of view of Ivan Illich. **Quodlibet**. 8 de abril de 2020f. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/david-cayley-questions-about-the-current-pandemic-from-the-point>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Una domanda. **Quodlibet**. 14 de abril de 2020g. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-una-domanda>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Fase 2. **Quodlibet**. 20 de abril de 2020h. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-fase-2>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Nuove riflessioni. **Quodlibet**. 22 de abril de 2020i. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-nuove-riflessioni>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Sul vero e sul falso. **Quodlibet**. 28 de abril de 2020j. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-sul-vero-e-sul-falso>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. La medicina come religione. **Quodlibet**. 2 de maio de 2020k. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-la-medicina-come-religione>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Biosicurezza e politica. **Quodlibet**. 11 de maio de 2020l. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-biosicurezza>>. Acesso em 22.junho. 2020.

_____. Sulla fine del mondo. **Quodlibet**. 19 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-sulla-fine-del-mondo>>. Acesso em 22.junho. 2020.

ALBERT, Bruce. Yanomami: mortos sem sepultura. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020a. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/027>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Agora somos todos índios. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020b. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/044>>. Acesso em 22.junho.2020.

BADIOU, Alain. Sur la situation épidémique. 26 de março de 2020. **Quartier Général**, 2020. Disponível em: <<https://qg.media/2020/03/26/sur-la-situation-epidemique-par-alain-badiou/>>. Acesso em 22.junho.2020.

BERARDI, Franco "Bifo". Crônica da psicodifusão, 1ª parte. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020a. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/002>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Crônica da psicodifusão, 2ª parte. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020b. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/003>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Crônica da psicodifusão, 3ª parte. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020c. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/012>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. O estranho silêncio antes da tempestade, 4ª parte. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020d. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/043>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Para além do colapso: três meditações sobre um possível depois, 5ª parte. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020e. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/051>>. Acesso em 22.junho.2020.

BUTLER, Judith. O capitalismo tem seus limites. 20 de março de 2020. **Blog da Boitempo**. Boitempo: São Paulo, 2020a. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Traços humanos nas superfícies do mundo. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020b. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/042>>. Acesso em 22.junho.2020.

COCCIA, Emanuele. O vírus é uma força anárquica de metamorfose. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020a. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/021>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Reversing the new global monasticism. 21 de abril de 2020. **Fall semester**, 2020b. Disponível em: <<https://fallsemester.org/2020-1/2020/4/17/emanuele-coccia-escaping-the-global-monasticism>> Acesso em 22.junho.2020.

CORRÊA, Murilo Duarte Costa. Entre a asfixia e o transe: a conspiração dos vivos. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/076>>. Acesso em 22.junho.2020.

DANOWSKI, Deborah. Não tem mais mundo para todo mundo (Entrevista). **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/081>>. Acesso em 22.junho.2020.

DESCOLA, Phillipe. Nós nos tornamos um vírus para a o planeta (Entrevista). **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/075>>. Acesso em 22.junho.2020.

DESPENTES, Virginie. Carta aos meus amigos brancos que não veem onde está o problema. 3 de junho de 2020. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/078>>. Acesso em 22.junho.2020.

DWIVEDI, Divy; MOHAN, Shaj. A comunidade dos abandonados: uma resposta para Agamben e Nancy. 08 de março de 2020. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/085>>. Acesso em 22.junho.2020.

ESPOSITO, Roberto. Curati a oltranza. 28 de fevereiro de 2020. **Antinomie**, 2020. Disponível em: <<https://antinomie.it/index.php/2020/02/28/curati-a-oltranza/>>. Acesso em 22.jun.2020.

FEDERICI, Silvia. Capitalismo, reprodução e quarentena. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/058>>. Acesso em 22.junho.2020.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã. 23 de março de 2020. **IHU – Instituto Humanitas**. Unisinos: São Leopoldo, 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/597343-o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han>>. Acesso em 22.junho.2020.

HUI, Yuk. Cem anos de crise. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/059>>. Acesso em 22.junho.2020.

KECK, Frédéric. Os morcegos e pangolins se rebelam. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/050>>. Acesso em 22.junho.2020.

KRENAK, Ailton. Do tempo. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/038>>. Acesso em 22.junho.2020.

KURYEL, Ailyn; FIRAT, Begüm Özden. Remembering the crowd: collective action during the pandemic. **Prospections**. 08 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.bakonline.org/prospections/remembering-the-crowd-collective-action-during-the-pandemic/#_ftn15>. Acesso em 09.julho.2020.

LATOURE, Bruno. A crise sanitária incita a nos preparar para as mudanças climáticas. 27 de março de 2020. **IHU – Instituto Humanitas**. Unisinos: São Leopoldo, 2020a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597499-a-crise-sanitaria-incita-a-nos-preparar-para-as-mudancas-climaticas-artigo-de-bruno-latour>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020b. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/008-1>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Isto é um ensaio geral? **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020c. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/068>>. Acesso em 22.junho.2020.

LAZZARATO, Maurizio. É o capitalismo, estúpido! **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/016>>. Acesso em 22.junho.2020.

MASSUMI, Brian. O vírus americano. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/011>>. Acesso em 22.junho.2020.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020a. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/020>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. O racismo anti-negro funciona da mesma maneira que um vírus. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020b. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/093>>. Acesso em 22.junho.2020.

NANCY, Jean-Luc. Eccezione virale. 27 de fevereiro de 2020. **Antinomie**, 2020a. Disponível em: <<https://antinomie.it/index.php/2020/02/27/eccezione-virale/>>. Acesso em 22.jun.2020.

_____. Comúnavirus. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020b. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/009>>. Acesso em 22.junho.2020.

NEGRI, Antonio. Coronavírus, a fase atual e o futuro (Entrevista). **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/035>>. Acesso em 22.junho.2020.

PRECIADO, Paul B. Aprendendo do vírus. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/007>>. Acesso em 22.junho.2020.

RANCIÈRE, Jacques. Uma boa oportunidade? **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/039-1>>. Acesso em 22.junho.2020.

ROMANDINI, Fabián Ludueña. A peste e o fim dos tempos. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/034>>. Acesso em 22.junho.2020.

SUTTER, Laurent de. Logística das pandemias. 27 de março de 2020a. **IHU – Instituto Humanitas**. Unisinos: São Leopoldo. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597370-logistica-das-pandemias>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. **Changer le monde**. Collection et après ?, n. 11. Paris: Éditions Observatoire, 2020b.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O que está acontecendo neste país é um genocídio. 19 de maio de 2020. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/070>>. Acesso em 22.junho.2020.

WALLACE, Rob et al. O covid-19 e os circuitos do capital. **Coleção pandemia crítica**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/026>>. Acesso em 22.junho.2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia**: Covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

B. Notícias e relatórios

BRAMSCOMB, Mary. The Network Impact of the Global COVID-19 Pandemic. **The new stack**. 14 de abril de 2020. Disponível em: <<https://thenewstack.io/the-network-impact-of-the-global-covid-19-pandemic/>> Acesso em 22.junho.2020.

BERGMAN, Artur; IYENGAR, Jana. How covid-19 is affecting internet performance. **Fastly.com**. 08 de abril de 2020. Disponível em: <<https://thenewstack.io/the-network-impact-of-the-global-covid-19-pandemic/>> Acesso em 22.junho.2020.

DUN & BRADSTREET. Business Impact of the Coronavirus: Business and Supply Chain Analysis Due to the Coronavirus Outbreak. (Report), 2020. Disponível em: <https://www.dnb.com/content/dam/english/economic-and-industry-insight/DNB_Business_Impact_of_the_Coronavirus_US.pdf> Acesso em 22.junho.2020.

G1. Itália confirma 12ª morte por Covid-19. **Portal G1**. 26 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/italia-confirma-mais-uma-morte-por-covid-19.ghtml>>. Acesso em 22.junho.2020.

_____. Na Itália, número de mortos pelo novo coronavírus passa de 820. 11 de março de 2020. **Portal G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/11/na-italia-numero-de-mortos-pelo-novo-coronavirus-passa-de-820.ghtml>>. Acesso em 22.junho.2020.

HERNÁNDEZ, Javier C. As China Cracks Down on Coronavirus Coverage, Journalists Fight Back. **The New York Times**. 14 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/14/business/media/coronavirus-china-journalists.html>>. Acesso em 22.junho.2020.

KLEIN, Naomi. Screen new deal: Under cover of mass death, Andrew Cuomo calls in the billionaires to build a high-tech dystopia. **The Intercept**. 08 de maio de 2020. Disponível em: <<http://theintercept.com/2020/05/08/andrew-cuomo-eric-schmidt-coronavirus-tech-shock-doctrine/>>. Acesso em 22.junho.2020.

MAGA, Giovanni. Rischio basso, capire condizioni vittime. **CNR – Consiglio Nazionale delle Ricerche**. 22 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.cnr.it/it/nota-stampa/n-9233/coronavirus-rischio-basso-capire-condizioni-vittime>>. Acesso em 22.junho.2020.

RSF. Whistleblowing doctor missing after criticizing Beijing's coronavirus censorship. **RSF.ORG**. 10 de abril de 2020. Disponível em: <<https://rsf.org/en/news/whistleblowing-doctor-missing-after-criticizing-beijings-coronavirus-censorship>>. Acesso em 22. junho.2020.

SCHALIT, Naomi. We found and tested 47 old drugs that might treat the coronavirus: results show promising leads and a whole new way to fight Covid-19. **The conversation**. Science and technology, 2020. Disponível em: <<https://theconversation.com/we-found-and-tested-47-old-drugs-that-might-treat-the-coronavirus-results-show-promising-leads-and-a-whole-new-way-to-fight-covid-19-136789>>. Acesso em 22.junho.2020.

SMITH, Patrick; Liu, Dawn. China to investigate death of doctor who blew whistle on coronavirus. **NBC News**. 07 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/world/china-investigate-death-doctor-who-blew-whistle-coronavirus-n1132171>>. Acesso em 22.junho.2020.

WIGGLESWORTH, Robin. How Big Tech got even bigger in the Covid-19 era. **Financial Times**. 01 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/d2e09235-b28e-438d-9b55-0e6bab7ac8ec>>. Acesso em 22.junho.2020.

C. Textos pré-pandemia citados

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **O reino e a glória**. Uma genealogia teológicas da economia e do governo. (Homo sacer II, 2). São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, 2004, set/out., n. 57, v. 5, p. 611-614.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Cultura e Barbárie: Florianópolis, 2014.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Londres: Polity Press, 2018.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.